

NOVA CARTOGRAFIA POÉTICA DO BRASIL

Maria Luiza Berwanger da Silva¹

Resumo: Com base no diálogo de natureza interdisciplinar estabelecido entre o filósofo François Jullien e o crítico literário Michel Collot sobre Paisagem Poética e Literária, este artigo busca demarcar uma nova cartografia para a produção brasileira, evidenciando o entrecruzamento entre campos simbólicos e não simbólicos postos em intersecção. Para tanto, parte da reflexão de Flora Süssekind na obra intitulada *O Brasil não é longe daqui*, como mediação das relações entre Brasil/França vistas pela eficácia da Alteridade para a inovação do pensamento brasileiro articuladas pelas leituras contemporâneas sobre o estudo da Paisagem.

Palavras-chave: Paisagem; Alteridade; Experiência; Cartografia; Interdisciplinaridade

O Brasil não é longe daqui diz o título de uma das obras de Flora Süssekind, evidenciando, de modo inconfesso, o projeto de fazer aflorar uma cartografia geográfica e poética distinta que preencha a “sensação de não estar de todo” (SÜSSEKIND, 2000, p. 13) experimentada pelo sujeito no próprio país. A autora compreende esta sensação como experiência interior de certo sentimento de incompletude e de estranhamento que articula a procura da diversidade enquanto percepção de um Brasil desconhecido dentro do próprio Brasil conhecido. Como decifrar esse enigma da distância entre os dois Brasis pontuado por Süssekind? Em que medida a presença estrangeira poderia efetuar a mediação a um Brasil outro, transgeográfico, trans subjetivo e transdisciplinar composto pela variabilidade de modos e formas perceptivas efetuadas pelo sujeito?

Síntese lapidar do Brasil contemporâneo, artístico e cultural, o poema “A educação dos cinco sentidos” de Haroldo de Campos retrata a seu modo essa paisagem nova, traduzindo sobre a página em branco, certa força de transformação, aquela que encontra sua completude no desvelamento de seu contrário. Assim procedendo, imprime mobilidade no pensamento que se compraz em buscar as genuínas raízes de um sujeito, de um espaço e de uma subjetividade, fundando certa paisagem intervalar entre Mesmo e Outro. Vistos sob esse ângulo, próximo e distante, próprio e alheio entrecruzam-se, brindando o homem contemporâneo com territórios desconhecidos desdobrados de seus próprios territórios conhecidos. No poema *A educação dos cinco sentidos*, diz Haroldo de Campos:

[...] a educação dos cinco
Sentidos

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS. Pós-Doutora pela Université de la Sorbonne-Nouvelle Paris III, onde também atua como pesquisadora convidada. Contato: marialuizaberwanger@gmail.com.

o táctil o dansável
o difícil
a ler / lisível
visibilia / invisibilia
o audível
[...]
a mão
o olho
a escuta
[...]
o ar
lapidado: olha
como esta palavra acrescenta-se
a esta outra
[...]
trabalho tão raro
quanto fazer rodar um pião
sobre a unha
mas que deixa um traço
mínimo / não dispensável,
[...]
o que se acrescenta
permanece
(nos sentidos)
mínimo apenas
(hubris do mínimo
que permanece)
(CAMPOS, 1985, p.11-15),

demarcando uma percepção de natureza incidental, lembrando o pensamento de Roland Barthes na obra intitulada *Incidentes*.

Como uma terceira mão que transgride o dom dos cinco sentidos e tece um espaço perceptivo novo, uma melodia inaudível se faz ouvir que, entrelaçada a uma imagem invisível, denuncia a ilusão da falsa paisagem recortada do lugar brasileiro visto, vivenciado e tido como verdadeiro. Figurações exemplares das terras e das gentes do Brasil, a exemplo do magnetismo tropical, do carnaval, da cordialidade e da alegria, cedem lugar a figurações insuspeitáveis, mediadoras da redescoberta do Brasil de hoje: deslocar-se em direção ao múltiplo e ao diverso pelo fio da metamorfose, eis, em uma palavra, a consciência operatória articulada pela fábula do verdadeiro Brasil, insinuado por Flora Süssekind e que Haroldo de Campos antecipa por certa singularidade perceptiva.

Produto dessas captações onde os sentidos mesclam-se, desenhando imagens inusitadas, esses espaços inevidentes e inimagináveis surpreendem o horizonte previsível do sujeito atual que, tal um estrangeiro em seu próprio país, redescobre o real,

autorredescobrimo-se; como se, ao revisitar certos mitos e lendas representativos do imaginário nacional, os marcasse pelo tom de sua voz nômade e de seu olhar crítico vivaz. Ilustra essa perspectiva a figuração do “carnaval”, imagem em que o disfarce, o travestimento e a dissimulação doam a esse homem o prazer da identidade multiplicada, na base dessa busca do verdadeiro Brasil articulado pelo gesto do “perscrutar”. Sob essa perspectiva, o poema *A voz*, de Carlos Drummond de Andrade, agrega ao pensamento simbólico brasileiro uma certa decantação da subjetividade que transforma a vida passada a limpo em grãos do verdadeiro cotidiano a ser recomposto:

Uma canção cantava-se a si mesma
na rua sem foliões. Vinha no rádio?
Seu carnaval abstrato, flor de vento,
era provocação e nostalgia.

Tudo que já brincou brincava, trêmulo,
no vazio da tarde. E outros brinquedos,
futuros, se brincavam, lecionando
uma lição de festa sem motivo,

à terra imotivada. E o longo esforço,
pesquisa de sinal, busca entre sombras,
marinhagem na rota do divino,
cede lugar ao que, na voz errante,
procura introduzir em nossa vida
certa canção cantada por si mesma.
(DRUMMOND DE ANDRADE, 2006, p.681)

Se o exercício do “perscrutar” surpreende todo leitor com a imagem de um sujeito, ator e espectador, esse efeito de surpresa é devido às inesperadas modulações rítmicas que possibilitam o aflorar do invisível sob o visível, como se todo ser fosse envolvido em um *ballet* de formas e de gestos incidindo na transfiguração do tempo e do espaço pela magia da dança. Em síntese, o carnaval traduz a singularidade dos ritos carnavalescos pela realocização do dançarino em um “ailleurs” (alhores) cultural e artístico. Nele, sob a forma de gesto irradiado sobre espaço e tempo dançantes, o prazer da subjetividade sublimada permite ao dançarino reconhecer-se como Outro.

Trata-se de uma cena a que assisti em plena Av. Rio Branco. Negros dançavam samba. Mas havia uma moça negra que dançava melhor do que as outras. As maneiras eram as mesmas, mesma habilidade, mesma sensualidade, mas ela era melhor. As outras o faziam um pouco de cor, maquinalmente, olhando o povo em torno deles [...], ela não. Dançava religiosamente. Não olhava para nenhum outro lugar. Vivia a dança. E era sublime. (ANDRADE, 1983),

narra Mário de Andrade em *O Turista Aprendiz*, acentuando a produtividade da dança para o estabelecimento das relações Arte/Alteridade, quando a todo desejo de deslocamento da subjetividade profunda corresponde a própria mobilidade a espacialidades e a temporalidades diversas, na tentativa de decifrar certa zona interior.

Equilíbrio novo traçado entre o percebido e o não percebido, aura mágica pouco decifrada, passagem que doa à reflexão brasileira a composição de uma paisagem nuançada, multicultural e de acolhida fraterna à alteridade, esta imagem constitui-se como eixo mediador e de entrelaçamento do Brasil distante ao Brasil próximo. Visto desse ângulo, o título da obra *O Brasil não é longe daqui* instala sobre a página a germinação de uma figura, de uma ideia e de uma palavra as quais permitem a todo leitor assistir à transformação do inominável em nominável. Aflora sobre a página sob forma de certo movimento perceptivo que ressimboliza espaços, tempos e subjetividades. Em *Ballet de L'Opera à Rio*, a poeta contemporânea Ana Cristina César retorna às fábulas brasileiras retraçadas por Mário de Andrade, nelas imprimindo e ressaltando a eficácia da palavra que narra e que, ao fazê-lo, expõe a potencialidade da expressão poética gerada pela dança conquanto reúne bailarino e espectador (leitor/autor) em uma única prática:

dos bastidores perde-se a ilusão do
transe. mas hoje eu queria escrever do meio de luzes que
só a plateia visse.
desejava um palco puro, pura
perspectiva de plateia. desejava
escrever com violência para consolar-te: a violência
com que (imaginamos)
os bailarinos fetichizados se erguem
em êxtase
em transfiguração

(CÉSAR, 2008, p.169)

Com efeito, o Brasil pode ser longe daqui e aqui mesmo, nesse lugar fabuloso no qual o artificial e o natural, percebidos de outro modo, entrecruzam-se harmoniosamente: Brasil distinto esse que o exercício do “perscrutar” concede ao homem brasileiro, permitindo-lhe completar as zonas de sombra de sua subjetividade entre ele-próprio e o outro-alheio. Tal perspectiva equivale a dizer que Flora Süssekind traça, de modo inconfesso, um percurso de pesquisa, legitimando a produtividade das relações estabelecidas entre literatura e alteridade. Desse modo, remete ao pensamento de Mário de Andrade em texto jornalístico, quando esse diz:

A influência francesa foi benéfica [...], aquela que mais nos equilibra, aquela que mais nos permite o exercício de nossa verdade psicológica nacional, aquela que menos exige a desistência de nós mesmos. (ANDRADE, 1936, s/p.)

Lida simbolicamente, essa declaração compõe, a seu modo, a figura de um espaço intervalar entre literatura brasileira e literatura estrangeira, representado tanto por vozes francesas, francófonas e por uma voz italiana, quanto por diálogos da literatura com outras linguagens no livro intitulado *Nouvelle cartographie poétique du Brésil (L'ici, appel de l'ailleurs)*.

Concebido sob o signo dessa busca transgressiva, esse livro reúne um conjunto de textos dos quais a diversidade temática e teórico-crítica converge no prazer da ultrapassagem de limiares subjetivos, geográficos e disciplinares. Nesse livro, o conjunto de textos representativos do tópico *Fables Brésiliennes* e do tópico denominado *Solidarité étrangère*, aproximados pela sedução do novo, tecem um suave convívio entre campos simbólicos e não simbólicos, configurando-se, cada tópico, como antecipação eficaz ao diálogo interdisciplinar estabelecido entre literatura e direito, entre literatura e filosofia, entre literatura e música e entre literatura e escultura, no tópico intitulado *Littérature et Interdisciplinarité*. Assim, depreende-se do percurso insinuado por Flora Süssekind e por Haroldo de Campos o efeito de ressonância do novo projetado sobre o sujeito, emergente da experiência efetuada com o diverso, seja esse diverso de procedência subjetiva, geográfica ou disciplinar: vivências voluntárias e involuntárias consolidam-lhe o desejo que se expande a territórios inusitados, nos quais se faz Outro em sendo o Mesmo. Dito de outro modo: um fio liga esses textos aquém e além de suas heterogeneidades substituindo as zonas de sombra da paisagem íntima, provocadas pela “sensação de não estar de todo” em lugares e tempos brasileiros, por certa experiência de multiplicidade. No conjunto apresentado nesse livro, um certo número de figuras estrangeiras aflora na literatura brasileira em sua produtividade teórico-crítica, traduzindo transformações artísticas e culturais. É justamente pela mediação dessa perspectiva textual ampla e em contínuo refazer-se que outras presenças estrangeiras, como as francófonas, comparecem nesse livro, a exemplo do belga Maurice Maeterlinck e do suíço Ramuz, um e outro demarcando, pelos laços de amizade, o mapa de suas vozes compartilhadas, laços de amizade que também ressurgem na celebração de Haroldo de Campos à poesia de Giuseppe Ungaretti,

decorrente, sobretudo, de sua permanência em São Paulo e do suave convívio estabelecido entre esses dois intelectuais.

Sob forma explícita de epígrafes, de citações celebrando autores evocados por sua eficácia literária, mas também sob forma de lembranças menos explícitas, o conjunto de textos constitutivos de *Nouvelle cartographie poétique du Brésil (L'ici, appel de l'ailleurs)* busca conferir visibilidade às operações de transformação de reinvenção do “Outro-estrangeiro” articuladas pelo “Mesmo-brasileiro”.

(Leia-se, sob a transparência dessa dupla constituição de presenças estrangeiras confessas e inconfessadas, o arco da reflexão do poeta e crítico Victor Segalen, basilar e fundante de todo pensamento contemporâneo sobre Diversidade e Alteridade, com forte evidência na fertilidade da ausência para a tessitura das relações Mesmo/Outro, expostas em sua obra *Essai sur l'exotisme* (1995, p. 95), da qual extraio o seguinte fragmento: “À sentir vivement la Chine, je n'ai jamais éprouvé le désir d'être chinois. À sentir violemment l'aurore védique j'ai jamais regretté réellement de n'être pas né trois mille ans plus tôt et conducteur de troupeau. Départ d'un bon réel, celui qui est, celui que l'on est. Patrie. Époque”, explicitando-se que essa obra, embora constitua o solo da experiência sensível de *O Brasil não é longe daqui* não consta na bibliografia citada pela autora, imprime, contudo, solidez ao percurso teórico-crítico seguido em *Nouvelle cartographie poétique du Brésil (L'ici, appel de l'ailleurs)*).

Cita-se, do mesmo modo, em *Nouvelle cartographie poétique*, eixos teórico-críticos como Marcel Mauss e o *Essai sur le don*, relido por Claude Lévi-Strauss que o sintetiza pela imagem do “fait total” enquanto diversidade da experiência subjetiva de natureza familiar, técnica, econômica, jurídica, religiosa e artística, correspondendo àquilo que o comparatista Jean Bessière vislumbra como “fable du lieu”.

Evidenciar esses traços incide na composição de certa paisagem matizada em que temas, mitos, motivos e processos teórico-críticos tradutores da constelação brasileira expõem a singularidade produtiva do diálogo estabelecido entre vozes nacionais e transnacionais. Um efeito de rara complementaridade emerge desse diálogo que mostra a perfeita articulação entre teoria e prática da palavra, possibilitando configurar uma infinita ressonância dos efeitos produzidos. Em síntese: a imagem poética e as expressões que as nomeiam celebram as vozes do Outro sem que os acentos brasileiros cessem de se fazer escutar, disseminando-se ao longo do processo de formação da cartografia brasileira. Desdobrar e, desse modo, ampliar espacialidades e temporalidades da paisagem matizada, enquanto disponibilidade potencial e de

encaminhamento à produção globalizada, eis o vislumbre e a dádiva concedidos ao sentimento de brasilidade. (Leia-se, igualmente, sob esse efeito de abrangência, tecido voluntariamente, o próprio traçado de um distinto aflorar, teórico e prático, do qual a emergência não prevista acentua e legítima o deslocamento a esse lugar de nascimento da Arte, desdobrado da prática do “perscrutar”).

Eixo basilar do pensamento filosófico de François Jullien sintetizado, sobretudo, em *Les transformations silencieuses* (2009) e por mim traduzido, em *As transformações silenciosas* (2013), a evidência de transformações silenciosas gerada pelo “perscrutar” possibilita essa captação de representações do Outro como caleidoscópio invisível que se projeta de forma inesperada, no curso dos fenômenos acidentais e previsíveis. Eficaz para os estudos da Paisagem, o “perscrutar” faz-se, pois, uma matriz fértil para as figurações da Alteridade. Nesse sentido, uma produtiva intertextualidade crítica pode ser percebida entre o pensamento teórico-crítico de Michel Collot, mediada pela imagem da “pensée-paysage” em que o crítico substitui “representação” por “presença”, e o pensamento de François Jullien sobre o “vivre de paysage” no qual a experiência paisagística, efetuada pelo sujeito, transforma “perceptivo” em “afetivo”. Postas em intersecção, essas duas abordagens contemporâneas, ao adensar e ao conferir eficácia a certas modalidades perceptivas realizadas pelo sujeito/subjetividade, confere, igualmente, valor à presença estrangeira para a composição da Paisagem, hoje, como imagem cultural e interdisciplinar, estudada nos três tópicos componentes do livro *Nouvelle cartographie poétique du Brésil (L’ici, appel de l’ailleurs)*, a saber: *Fables Brésiliennes*, *Solidarité Étrangère* e *Littérature et Interdisciplinarité*. Desenha-se um território intervalar entre o efeito de sedução exercido pelo Outro e a intimidade do Mesmo ressimbolizada. Espaço intersticial de liberdade inesgotável concedida ao leitor pela filtragem do jogo de reciprocidades aproximadas, esse projeto de inovação da cartografia nacional configura-se como plenitude doada à textualidade contemporânea.

“Exploiter le potentiel de la situation”, essa imagem de alta recorrência no pensamento interdisciplinar do filósofo François Jullien traduz o caminho teórico-crítico seguido em *Nouvelle cartographie poétique du Brésil (L’ici, appel de l’ailleurs)*. Trilhá-lo mediante a leitura simbólica da textualidade examinada nesse livro insinua, por si só, a evidência de outras cartografias emergentes entre tradição e renovação.

Referências

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

ANDRADE, Mário de. [sem título]. *Diário da Manhã*, Recife, 16 abr. 1936.

BERWANGER DA SILVA, Maria Luiza (Trad.). *As transformações silenciosas (Les transformations silencieuses)*. Porto Alegre: Paiol, 2013.

CÉSAR, Ana Cristina. *Antigos e soltos*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.

CAMPOS, Haroldo de. *A educação dos cinco sentidos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COLLOT, Michel. *La Pensée-Paysage*. Paris: Actes Sud, 2011.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 2006.

JULLIEN, François. *Les transformations silencieuses*. Paris: Grasset, 2009.

MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris : PUF, 2006.

SEGALEN, Victor. Essai sur l'exotisme. In: BOUILLIER, Henri (Dir.). *Oeuvres Complètes*. Paris: Laffont, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.